

Priscila Natividade

REPORTAGEM

priscila.natividade@redebahia.com.br

Feira de oportunidades

Patrimônio Evento na capital debate importância da Feira de São Joaquim

Uma verdadeira mãe. É assim que a chefe do Cantinho da Dadá e empreendedora da Feira de São Joaquim, Marilena Souza de Andrade – ou melhor, Dadá da Feira –, define o lugar. Seus 70 anos, acompanhando de perto todas as etapas do desenvolvimento tanto cultural quanto econômico de cada banca e negócio dali, fazem de Dadá um exemplo de resistência.

“Oitenta por cento do mulheril cria seus filhos na Feira de São Joaquim como eu criei os meus. A feira é o verdadeiro lugar de combate à fome. Muita gente chegou, montou sua banca e vendeu suas coisas para sobreviver. Meu pai era feirante, foi lá que instalei meu restaurante. Você encontra conversa, troca experiência, vende e faz comida, alimenta sua família”, afirma.

Dadá foi uma das convidadas da Roda de Conversa que discutiu o Patrimônio Material e Imaterial da Feira de São Joaquim, durante a Arena Feira de São Joaquim, evento que aconteceu no sábado (16), na Docca 1, ao lado do Terminal Marítimo de Salvador, no Comércio. Além de reunir comerciantes e feirantes, a ação gratuita e aberta ao público contou também com apresentações culturais e espaço para venda de produtos.

Mediada pela editora-chefe do CORREIO, Linda Bezerra, o encontro também contou com a participação do ator do Bando de Teatro Olodum e Afrochefe no Culinária Musical, Jorge Washington, mais um que defendeu a importância social, cultural e econômica da feira. “Faço comida a partir das minhas memórias, lembranças. E quem me abastece desses ingredientes é a Feira de São Joaquim. Andu, feijão-verde, mamão verde. A Culinária Musical é um projeto que eu já toco há 7 anos. Além disso, como ator, tem muita coisa dali que levo para o palco. A feira é um patrimônio que precisa ser tombado urgentemente.”

O debate contou ainda com a presença do coordenador da Federação Nacional do Culto Afro-Brasileiro (Fenacab), pai César D’Ajagunã, que ressaltou o quanto São Joaquim faz parte da rotina do povo de santo e a relação da religião com a feira. “A gente costuma

dizer que a feira é o nosso shopping. Nós, que somos do candomblé, vamos à feira de São Joaquim mais de três vezes na semana. É onde encontramos folhas, animais, grão. Tudo que precisamos é lá que encontramos.”

A presidente do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Filhos da Feira de São Joaquim e suplente administrativa do Sindicato dos Feirantes e Ambulantes de Salvador (Sindfeira), Avani de Almeida, também trouxe sua experiência sobre os aspectos culturais e econômicos de São Joaquim para o debate. Ela reforçou a necessidade de uma organização maior do local enquanto instituição. “A gente enxerga a feira como uma comunidade. O que queremos hoje é torná-la uma instituição organizada, levar projetos, legalizar tudo isso”.

E onde há empreendedorismo é necessário crédito e incentivo. Ainda durante a Roda de Conversa, o gerente de Negócios do escritório re-

gional do Crediamigo Salvador do Banco do Nordeste, Daniel Sande, destacou o quanto o crédito orientado tem a agregar aos negócios que estão instalados na feira, a fim de fomentar essa atividade econômica. “O Crediamigo tem linhas de crédito de até R\$ 21 mil. Nos próximos dias, vamos intensificar as visitas dos nossos consultores e intensificar nossa presença na Feira de São Joaquim, indo até o feirante para conhecer a atividade e levar esse conhecimento sobre o que é o programa.”

RECONHECIMENTO

Após a troca de experiências, a mediadora da roda de conversa e editora-chefe do CORREIO, Linda Bezerra, destacou a responsabilidade de todos na valorização da feira. “Visitar a Feira de São Joaquim é uma declaração de amor à Bahia. Ela ainda não foi tombada. É um papel de todos nós zelar por isso. É lá que encontramos a velha Bahia”, defendeu Linda Bezerra.

Atualmente, o projeto de lei, de autoria da deputada Fabíola Mansur (PSB), que prevê o reconhecimento da Feira de São Joaquim como patrimônio imaterial da Bahia (PL nº 25.194/2024), ainda não foi votado na Assembleia Legislativa do estado (Alba).

Outra tentativa de reconhecimento é o projeto para que a Feira de São Joaquim seja considerada patrimônio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). No entanto, esse segue estacionado desde março de 2005. No site do órgão, a feira aparece entre os

“bens imateriais em processo de instrução para registro”.

A Arena São Joaquim é a primeira fase da Trilha Empreendedores do Futuro e Trilha Empreendedora, que capacitou e acelerou negócios de 14 feirantes no ano passado (leia abaixo sobre a capacitação deste ano). A iniciativa é uma colaboração entre a JA Bahia, organização social que incentiva jovens em todo mundo, e a Wilson Sons, que conta com o apoio do HUB Salvador, CEEP Empreende e IEL. O evento tem patrocínio do Banco do Nordeste e apoio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Emprego e Renda, da Prefeitura de Salvador.

Para o presidente da JA Bahia, Elde Oliveira, esse movimento traz clareza das oportunidades que a feira tem para os empreendedores. “A feira é um símbolo da nossa cidade e o seu tombamento é mais que justo. A revitalização do centro é um movimento mundial e é preciso usar melhor esse lugar e oportunizar esses feirantes.”

O diretor da Salvador Tec e Criativa da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Vinicius Mariano, concorda: “A prefeitura tem diversos programas para revitalizar o Centro como um todo, desde o Pelourinho até o Comércio, passando pela Feira de São Joaquim. O Centro tem uma potência criativa muito forte, e a feira, com todo seu artesanato, música, religião e cultura, se tornou um polo importante para viabilizar esse crescimento”.

Convidados durante a Arena Feira de São Joaquim, evento que aconteceu no sábado (16), na Docca 1, no Comércio



PRISCILA NATIVIDADE

Feirantes são certificados pelo projeto Empreendedor do Futuro

Após passarem por capacitação profissional, feirantes e jovens familiares de feirantes que trabalham na Feira de São Joaquim receberam, durante o evento, o certificado de conclusão do curso. Ao todo, 14 empreendedores receberam qualificação em educação empreendedora e sustentabilidade.

Um dos empreendedores que concluíram o curso foi Edgar Marcelo de Andrade, filho de Dadá da Feira, do Cantinho da Dadá. “Foi um curso muito interessante para se informar sobre o que está acontecendo e entender as mudanças necessárias para a feira. Não dá só para reclamar, se a nossa voz não che-

ga. Se nós queremos uma feira pujante, que não perde cliente para o mercado e o bairro, temos que nos qualificar.”

Quem também estava entre as feirantes qualificadas pelo projeto foi a comerciante Dione Andrade Boa Morte, que já trabalha há 45 anos na Feira de São Joaquim. “Fui nascida e criada em São Joa-

quim. A gente sabe que conhecimento é tudo e o projeto traz esse conhecimento para que o nosso negócio possa crescer, mostra o que tem que ser feito, faz esse chamado”, opina ela.

Expositora na Arena e também feirante em São Joaquim, Adilene Conceição, é responsável pela ban-

ca Transformação em Pimentas, próxima ao 2º portão. Lá tem pimenta carolina, pimenta-de-cheiro, pimenta japonesa e pimenta-doce. “Ainda tem gente que não conhece direito a feira, não sabe que aqui ela vai encontrar de tudo. Tudo mesmo”, diz ela, que trabalha no local há 20 anos.